

AÇÃO DIRETA

FUNDADO PELO PROF. JOSÉ OITICICA EM 1946

LUTAMOS CONTRA TÓDAS AS FORMAS DE TIRANIA, DE EXPLORAÇÃO E DE OBSCURANTISMO, E EM PROL DE LIBERDADE E BEM-ESTAR PARA TODOS.

Redação:
Avenida 13 de Maio, 23 — 9.º andar — Sala 922

CORRESPONDÊNCIA:
Caixa Postal 1 — Agência da LAPA — RIO DE JANEIRO

AVULSO: CR\$ 3,00
Assinatura anual Cr\$ 50,00

O PROBLEMA DO PETRÓLEO

A Conjuntura Econômica Brasileira
O Ponto de Vista Libertário

O controle mundial do petróleo, desde muitas décadas, é um dos fatores de maior peso na política internacional de predomínio. Consequentemente, dentro do âmbito de cada país submetido a pressão imperialista, é um dos elementos de instabilidade política mais notórios. O Brasil não escapou a essa regra e todo seu processo inflacionário vem marcado com acentuado odor petrolífero.

Para qualquer observador objetivo da realidade nacional, resulta sumamente sugestivo, o fato de que todos os governos, em um ou outro momento de sua gestão, se tenham inclinado — ocultamente — a formalização de algum tipo de compromisso com os trusts petrolíferos internacionais, em flagrante contradição com a arenga nacionalista ("O petróleo é nosso", etc.) e anti-imperialista de que fazem gala verbal quase todos os partidos situados eventualmente na Oposição.

Essa contradição põe em evidência a característica mais importante do problema do desenvolvimento energético, do qual o petróleo é seu aspecto mais saliente e aparente, no estado atual do desenvolvimento da economia brasileira. Não se trata de um critério simplista e demagógico, como se pretende fazer crer, nem de um vulgar esquecimento das promessas pré-eleitorais, comum a todos os partidos que chegam ao poder, si não de um fenômeno inerente a própria organização estatista e capitalista da economia nos países economicamente dependentes.

A FALTA DE CAPITAL

Um dos elementos que definem na atual etapa da economia, aos países chamados subdesenvolvidos, é seu pequeno coeficiente de capitalização. Isto é, que se consome a quase totalidade de sua produção, inclusive, se consome mais do que se produz, como consequência do qual há um déficit na reposição do que poderíamos considerar o "capital nacional", estradas, equipes, instalações industriais de todos os tipos, valores de câmbio, divisas, ouro, etc., cujo envelhecimento ou gasto não é compensado por uma racional renovação.

As causas desses fatos são de diversos tipos, e a simples título de esclarecimento, vale a pena destacar, no caso do Brasil, uma técnica primitiva, um desproporcionado crescimento dos gastos do Estado (aumento dos contingentes do exército, marinha e aeronáutica — pessoal totalmente improdutivo que não fazem se não consumir), proliferação da burocracia privada, estatal e semi-estatal (aumento desmesurado do funcionalismo público, nomeação de parentes, amigos, eleitores para cargos públicos que se criam com o objetivo de saldar compromissos políticos), dilapidação de bens em obras suntuárias (construção de Brasília em plena selva, sem meios de transporte baratos), gastos supérfluos de toda a espécie, a evidente falta de capacidade e interesse técnico organizativo da indústria, a generalizada irresponsabilidade no trabalho, etc. Todos esses processos e outros, em proporções diversas, coadjuvam no sentido geral da descapitalização do país ou da estagnação no melhor dos casos.

Pois bem, para o desenvolvimento de novas fontes de produção, especialmente no campo da energia, transporte, etc., no atual estado da tecnologia, se torna necessário a inversão de enormes capitais, em forma de equipes, máquinas e instalações de diversos tipos, capitais que se não foram acumulados por poupança no conjunto da economia nacional, devem ser providos por fontes exteriores, quer sejam em forma de inversões de capital diretamente, ou de venda de elementos a longo prazo, de tal modo que o rendimento das novas indústrias torne factível seu pago.

Tais são as possibilidades que se abrem, si se trata de encarar de algum modo um desenvolvimento ascendente da potencialidade econômica de uma comunidade humana qualquer: situação em que se encontra o Brasil, em virtude do longo período de estagnação precedente: 1.º — A acumulação de novos capitais pela poupança nacional; 2.º — A inversão de capitais acumulados em outros países; 3.º — A obtenção de créditos exteriores.

DE ONDE SAI A POUPANÇA NACIONAL

A primeira das alternativas consta de dois termos, já que a poupança nacional provém de uma maior produção ou menor consumo. Pois bem, uma maior produção, deixando de lado as possibilidades de um reequipamento industrial que depende da prévia inversão de novos capitais, significa ou um maior esforço dos que realizam atividades produtivas, ou um melhor aproveitamento, pela organização industrial, da atual potencialidade, (possibilidade esta muito limitada em seus alcances), ou ubiquação em setores produtivos, dos que hoje realizam atividades supérfluas. Relativo a redução do consumo, os caminhos possíveis para sua obtenção são vários: Uma diminuição do nível de vida do povo em geral, que pode operar-se através de um processo de encarecimento que ponha fora do alcance de determinados setores populares alguns artigos ou um racionamento geral; outra possibilidade é a diminuição dos consumos monstruosos e improdutivos dos organismos do Estado: edifícios monumentais, material bélico, cidades pre-fabricadas, como Brasília, etc.

De todas as possibilidades enunciadas ligeiramente, que permitiria o Brasil o desenvolvimento de suas potencialidades econômicas, sem ajuda do exterior, compromisso e subordinação envolto inevitavelmente na política das grandes potências mundiais, as mais lógicas e racionais significariam um sacrifício para os que têm o poder político e econômico, isto é, os setores capitalistas e estatais. A eliminação dos trabalhos socialmente improdutivos, quer seja a burocracia, ou a excessiva intermediação na distribuição, são fenômenos inerentes às características do atual processo de crescimento do Estado e da economia de escassez, de modo que os que apresentam o problema, desde os governos, ou como programa eleitoral, o aumento da produção sem ajuda exterior, o fazem pensando em um aumento do esforço do trabalho dos produtores, coisa que se está praticando em pequena medida.

No que se refere a diminuição do consumo, a possibilidade de realizá-la a custa do consumo excessivo das classes abastadas, ou do supérfluo dos organismos do Estado, significaria igualmente um sacrifício, aos que retém o poder e a força, e não estão dispostos a realizar sacrifício algum. A saída que pretendem impor os que desde funções políticas propiciam esse caminho, é uma diminuição do nível de vida do povo em geral, através da carestia, ou do envelhecimento dos salários pela inflação.

A ALTERNATIVA ESTATAL-CAPITALISTA

Retornando ao ponto de partida, se torna evidente que, qualquer processo de desenvolvimento econômico enérgico que se pretenda fazer pres-

GREVE DE BONDES — UM GRANDE NEGÓCIO PARA A LIGHT

Voltam os trabalhadores da Light a agitar o modorrento ambiente sindical à procura de melhores níveis de salários com que possam enfrentar a alta vertiginosa e insustentável do custo de vida.

Nada mais natural e humano que essa sacrificada classe dos empregados da companhia canadense se movimente, proteste e vá, em último recurso, à greve reivindicadora que obrigue a empresa a um ajuste imediato do magro salário.

Nada mais natural, justo e humano que essa espinhada classe brade aos ouvidos moucos de seus exploradores que o feijão está custando Cr\$ 30,00 o quilo e que, portanto, necessitam melhores pagas afim de enfrentarem a apavorante inflação que o sr. Juscelino teima em agravar com a construção de Brasília.

O que não compreendemos e com o que nunca poderemos concordar é que esse justo aumento salarial esteja sempre condicionado a uma revisão de tarifas de bondes, luz e gaz, pois é óbvio que isto equivale a dizer que o aumento sairá do bolso rótico e magro do próprio povo trabalhador.

Já atentaram os operários da Light e o sindicato de classe para o fato de que todo movimento para melhorar de nível de salário se transformou num ótimo negócio para o polvo canadense, que, assim, sem esforço algum, vê aumentar seus fabulosos lucros à custa de seus próprios assalariados?

Já atentaram os trabalhadores da Light que, dessa forma, estão fazendo o jogo terrível de seus patrões capitalistas, ajudando a sugar ainda mais o depauperado povo brasileiro, com mais um escorchantemente aumento de passagens?

Sim, apoiamos o aumento de ordenados; porém, que esse aumento não sirva de manobra para a Light enriquecer cada vez mais.

Ao Sindicato de Carris do Rio de Janeiro e aos trabalhadores da Light compete provar sua solidariedade com toda a população carioca.

Aumento de salário sim; não porém, à custa do miserável povo do Distrito Federal.

Esse aumento deve sair direta e unicamente dos fartos lucros da empresa. IPÊ

Não há interesse de raça, como não há interesse social em manter uma classe de explorados sob o jugo e a ignorância. — Jean Grave.

cindindo da ajuda exterior, realizada por impulso do Estado e do capitalismo privado, significaria necessariamente um aumento do esforço dos produtores, e uma diminuição paralela do nível de vida, coisa que iria necessariamente acompanhada de distúrbios sociais, que tornariam improvável a manutenção da ficção do estado democrático, já que no Brasil há consciência formada, ou pelo menos uma obscura intuição popular, de que é um sacrifício cujas vantagens serão fundamentalmente aproveitadas pelos setores capitalistas e estatais, que nenhum sacrifício realizam.

Nessa situação, resulta perfeitamente explicável que qualquer setor político, uma vez atingindo o governo, pelo clássico método demagógico de agitar bandeiras anti-imperialistas, ante as pressões do capitalismo internacional, por uma parte, porém submetido a férrea alternativa de impulsionar o desenvolvimento econômico, a fim de poder assegurar sua continuidade política, sem apelar à recursos que significam convulsões sociais que o ponham em perigo e sem poder apelar, por sua íntima textura, a métodos que impeçam o processo de crescimento das funções do Estado, se encontrem na impossibilidade de impulsionar a poupança nacional e forçado em consequência a entregar o capitalismo internacional, que como mais forte que é, impõem suas próprias condições.

A SOLUÇÃO REVOLUCIONÁRIA

Fica então uma única saída autenticamente anti-imperialista, já que todas as soluções estatistas, governamentais e capitalistas estão inevitavelmente vinculadas aos compromissos com os grandes impérios mundiais ou com uma solução ditatorial da pior característica. Trata-se de uma verdadeira saída revolucionária: a superação das estruturas estatais e capitalistas, que possa permitir a criação de um fundo de reserva nacional mediante a conjugação dos distintos elementos que o tornariam possível: supressão de trabalhos e funções improdutivas, supressão de privilégios no consumo e organização da produção visando as necessidades coletivas. Inclusive não se desdenha em semelhante situação, uma certa medida de sacrifício "de todos", para a elaboração "por todos", de um verdadeiro futuro "para todos".

Assim é como, tal qual o afirmamos em mil outros aspectos da vida social, se dá também aqui o aparente paradoxo do utopismo das soluções estatistas anti-imperialistas, impraticáveis pela própria essência dos meios com que contam, e a profunda realidade e criatividade das eternamente tachadas de utópicas saídas revolucionárias, profundamente populares e construtivas.



Dois aspectos parciais da Conferência Libertária Nacional, realizada em abril passado.

O POVO PASSA A USAR A AÇÃO DIRETA

REAGE CONTRA A EXPLORAÇÃO E REIVINDICA SEUS DIREITOS

O povo está perdendo a paciência e começa a demonstrar que a exploração sem limites de que é vítima precisa ser enfrentada.

E vai passando à ação — à ação que é decisiva — a ação direta.

Nada de lamúrias ante os poderosos do momento, que consti-

tuem a coluna dos exploradores da miséria dos que trabalham. Nada de pedinchar apoio aos vivedores da política.

Em Fortaleza, lá no Nordeste, foram os populares manifestar o seu protesto positivo na sede dos conchavos dos politiqueros parasitas; em Uberlândia multidões rebeldes demonstraram que os seus protestos podem produzir consequências temerosas; na capital fluminense as chamadas iluminaram multidões que buscavam as feras em seus covis; em terras paulistas os ferroviários da Paulista, transformando seus corpos em dormentes, paralizaram toda uma vasta rede ferroviária; num subúrbio da capital bandeirante, o povo repetiu esse gesto, paralyzando uma ferrovia nacionalizada que pretendia aumentar extorsivamente o preço das passagens.

Outros gestos de rebeldia estão sendo registrados em pontos diversos do País.

O povo vai, assim, vencendo a atitude conformista que o vinha dominando, e passando a afirmar o seu direito a uma vida condizente com a sua condição de produtor de todos os bens sociais.

E se assim prosseguir, agindo diretamente, desprezando os pelegos do meio sindical e os vivedores da política — irá vencendo e conseguindo enfrentar a exploração de que é vítima até conseguir sua completa emancipação social.

Conferência Libertária Nacional

REPRESENTAM UM MARCO DE NOVAS ATIVIDADES AS CONCLUSÕES APROVADAS

Como havíamos anunciado, realizou-se em abril próximo passado, a Conferência Libertária Nacional, por iniciativa dos companheiros do Rio e de São Paulo.

Ao conclave, além da participação ativa dos companheiros de São Paulo, compareceu numerosa delegação do Rio e representantes de outras cidades do Brasil.

Não teve a conferência a projeção que seria de desejar quanto ao número de participantes. Mas os que nela tomaram parte, tiveram motivos de sobejo para vislumbrar um próximo recrudescimento das atividades do anarquismo entre nós.

A unanimidade nas resoluções aprovadas, após estudos e debates, acalorados por vezes, foi a nota de realce. Todos procuravam obra construtiva e dar maior impulso a ação libertária. Publicaremos no próximo número de "Ação Direta", mais detalhes sobre as conclusões alcançadas na conferência, salientando hoje a importância da criação do Comitê de Coordenação Libertária, órgão destinado a concatenar a ação futura do nosso movimento e chamar à ativa todos os libertários do Brasil.

Com a criação do Comitê de Coordenação Libertária, o movimento anarquista tem agora seu ponto de referência e seu órgão representativo em qualquer ato público em que nossa participação seja aconselhável.

Composto de militantes da velha-guarda e de moços cheios de entusiasmo, é de esperar que levem a bom termo a missão de relacionar todos os elementos dispersos, preparando o terreno para um futuro Congresso. Cabe-lhe ainda o encargo de encaminhar as iniciativas aprovadas na conferência, das quais daremos notícias no próximo número.

Ao término dos trabalhos, a conferência aprovou uma declaração de princípios coordenando as resoluções tomadas com o propósito de darmos maior amplitude à obra do movimento libertário no Brasil. Será publicada no próximo número, em conjunto com informações relativas à repercussão que teve o conclave anárquico.

Análise Libertária da Situação Política da Argentina

Por Jacobo Prince

1. A viagem do presidente Frondizi aos E.U.A marca simbolicamente a "grande mudança", ou seja, a violenta viragem de sua política geral com relação ao programa pré-eleitoral de seu partido denominado "radicais intransigentes". O programa era uma espécie de resumo da *prédica anti-imperialista* (leia-se anti-ianque), de exaltação dos monopólios estatais dos serviços públicos e da exploração do petróleo, cuja empresa estatal (Yacimientos Petrolíferos Fiscales) foi elevada a símbolo da independência econômica da Argentina.

2. O "fondismo" triunfou nas urnas pela exploração hábil do sentimento nacionalista e estatal na ordem econômica; porém, uma vez eleito, lançou uma política apoiada economicamente no grande capital estrangeiro, nos investidores e latifundiários. Procurou contar com o apoio do clero (aprovar o lei que fomenta o funcionamento de Universidades Católicas) e da casta militar (aumentando soldo e benefícios). Com isto pôde desafiar o enorme descontentamento popular e romper com seus aliados eleitorais: os comunistas e os peronistas.

3. O início da "grande mudança" econômica que significou a adoção da orientação conservadora e de "livre empresa", foi precedida por uma série de considerações sobre as consequências nefastas da inflação, o inconveniente de produzir pouco e consumir demais, a necessidade de inverter essa ordem, aumentando a produção e diminuindo o consumo, necessidade de sacrificar por parte de todos afim de tirar o país do atoleiro econômico. Tudo isso foi dito muitas vezes por economistas como o dr. Prebisch, acessor do governo de Lonardi e de Aramburu, pelos ministros de economia do governo provisório, etc. Pois bem a política econômica que está sendo aplicada por Frondizi é muito mais implacável com as necessidades populares, tanto que houve uma queda brusca do nível de vida.

4. Desde maio de 1958 até março de 59 o pão subiu em 80%; o leite 70%; o azeite 120; a carne 200%. Aumentaram consideravelmente as tarifas de gás e energia elétrica. É verdade que durante os últimos dez anos tem havido aumento de salários; porém os mesmos são seguidos imediatamente por aumento de preços das necessidades o que anula por completo o aumento salarial.

A SITUAÇÃO DA CLASSE PRODUTORA

5. A situação da classe produtora é duplamente precária e de perspectivas incertas. Por um lado sofre as consequências da brusca perda do valor aquisitivo dos salários, sem poder impôr uma elevação dos mesmos que atenuem os impactos da carestia em seu nível de vida; e por outro lado é vítima da reação governamental, da desorientação e da politicagem internas.

A reação governamental tende a acabar com as "velocidades grevistas" e assegurar um clima de "tranquilidade de cemitério" adequado aos investimentos de capitais estrangeiros. O primeiro golpe brutal que o governo vibrou, foi

no Sindicato dos Ferroviários. Um grupo de peronistas, apoiados pelo então Ministro do Trabalho, tentou tomar o sindicato. A resposta foi uma greve que obrigou o governo a recuar. Em dezembro último, em virtude de acordo salarial, exigiu o grêmio que se pagasse de uma só vez aumentos atrasados. Opôs-se o governo, querendo efetuar paulatinamente em cotas bimensais. Foi declarada a mobilização dos ferroviários, que às centenas foram detidos e levados aos tribunais militares.

Em meados de janeiro, coincidindo com a viagem de Frondizi aos Estados Unidos, verificou-se a greve do Frigorífico Nacional Lisandro De La Torre. Os operários ocuparam o estabelecimento e o governo os desalojou à custa de tanques e outras forças militares.

Este fato, que tem tôdas as aparências de uma provocação, produziu reação imediata em todos os setores obreiros. Foi decretada greve geral e o governo decretou novas mobilizações militares. De qualquer forma, o fato é que as greves de certa importância já terminaram, porém, continua a mobilização dos sindicatos afetados e segue vigente o estado de sítio, que foi proclamado há mais de treze meses.

Na Revolução Francesa viu-se um frade espedacado e calçar aos pés uma imagem de Cristo e a um bispo exclamar que o "cristianismo era um amontoado de imposturas."

VISITA DE HERBERT READ AO BRASIL

Confirma-se a visita ao Brasil do militante anarquista inglês Herbert Read, nome de destaque na vida social da Grã-Bretanha, pois, além de sociólogo, é poeta e crítico de arte de grande prestígio.

Sua visita a este país está ligada à realização do Congresso da Associação Internacional de Críticos de Arte que, anunciado para Abril p.p., terá lugar em Setembro vindouro, em Brasília.

Num telegrama aparecido no "O Estado de São Paulo" há a seguinte referência a respeito:

"Entre as personalidades de renome internacional que aceitaram participar do Congresso figuram o crítico inglês Herbert Read, o escritor e atualmente ministro das Informações da França, André Mairaux e o arquiteto Le Corbisier.

REFLEXÕES DE UM ANARQUISTA

A PROPAGANDA

A divulgação de sua doutrina constitui preocupação primordial no idealista. O entusiasmo invade o indivíduo fazendo-o sentir um desejo incontrolado de revelar e transmitir as impressões de sua visão interior, de comunicar suas convicções, no afã de conquistar adeptos a fim de tornar seu ideal uma realidade. E cada um se manifesta com calor próprio de seu temperamento.

O reaparecimento de "Ação Direta", em 1946, empolgou anarquistas e simpatizantes. Os interessados no movimento escreviam artigos, levavam os originais às oficinas, carregavam jornais nas costas, faziam a distribuição nas bancas, preparavam a expedição para os camaradas do interior e do exterior.

Formávamos grupos, frequentemente, para percorrer os pontos principais da cidade, pregando jornais em postes e paredes. Passávamos quase toda a noite empenhados na interessante e agradável tarefa.

Certa noite, em que um grupo do qual o cronista fazia parte, colava o último número de "Ação Direta" na antiga Galeria Cruzeiro, um dos pontos principais da Avenida Rio Branco, fomos provocados por uma turma de uns vinte bolchevistas, tentando nos impedir a nossa propaganda. Dissemos que estávamos praticando um ato lícito e ninguém nos obstaría. Eles, então, nos ameaçaram. Respondemos que não tínhamos medo de homens e que estávamos dispostos a enfrentá-los até fisicamente, se nos tocassem. Entrelharam-se e foram saindo, um atrás do outro.

Pouco depois, surpreendentemente, apareceram três policiais e determinaram que interrompêssemos a colocação dos cartazes. Alegamos que não havia nenhuma lei que o proibisse e continuamos a trabalhar sem lhes dar atenção. Enquanto uns discutiam, outros agiam. E a discussão prosseguia enquanto andávamos de um local para outro, procurando pontos mais bem situados para a propaganda. Um dos companheiros entregando a outro a brocha de passar a cola, interferiu na discussão.

Um dos policiais assumiu atitude autoritária e falou:

- Você não pode falar.
- O camarada adiantou-se, indagando: — Por que?
- Porque é estrangeiro.
- O companheiro explicou que era tão brasileiro quanto ele, carioca, enquanto explodíamos em uma gargalhada em coro, dada a confusão do agente de autoridade diante do sotaque do moço, que estivera na Argentina e outros países sulamericanos quando menino, passado vários anos por lá.

Aproveitamos para explicar nossas idéias aos policiais de maneira a compreenderem que os anarquistas não são elementos desordeiros como faziam supor. Confessaram-se admirados ao saberem que o grupo de propagandistas era formado por professores, estudantes, funcionários públicos, etc. Retiraram-se desconcertados.

De outra feita, um guarda quis proibir que um compnheiro pregasse "Ação Direta" em uma parede. O camarada, disse que só o faria se ele o prendesse. Por fim, ante sua insistência, exigiu que o próprio guarda o prendesse. O homem hesitou. O companheiro renovou o desafio de ser preso, até que o outro desanimou e foi-se embora.

Os incidentes e as provocações eram, assim, resolvidos, aproveitando-se as oportunidades para doutrinar e oferecer um exemplar de "Ação Direta" aos interpelantes.

Raul VITAL

ANARQUISMO ATRAVÉS DO RÁDIO

Os ativos companheiros da Federação Anarquista Uruguia e de "Lucha Libertária", seu órgão de difusão, iniciaram, nos princípios do ano de 1959, nova modalidade de propaganda do anarquismo através da Rádio América. Semanalmente, aqueles libertários estão manifestando sua opinião, críticas e apresentando soluções sobre os mais diversos problemas de ordem econômica e cultural que afetam o Uruguai.

Esse programa radiofônico está marcando uma etapa avançada e de superação do movimento anarquista e, portanto, criando novas obrigações e responsabilidades econômicas, que devem ser vencidas.

Os leitores de "Ação Direta" poderão ouvir o programa às terças-feiras, pela CX 46, RADIO AMÉRICA, às 21 horas (hora do Uruguai).

FRANCISCO FERRER

Relembremos sua grande obra no cinquentário de seu fuzilamento

No dia 13 de outubro deste ano, fará meio século que Francisco Ferrer Guardia tombou nos fossos da fortaleza de Montjuich, diante do pelotão de soldados filhos do povo, aos quais ele disse: "Hijos míos, apuntad bien! No teneis la culpa! Soy inocente! Viva la Escuela Moderna!"

Morreu íntegro e sem rancôr, confiante no futuro libertário da humanidade. E como não poderia deixar de ser, revivem na nossa mente os fatos que a imprensa da época noticiava sobre os acontecimentos da semana revolucionária (fins de Julho de 1909) do povo barcelonense contra a guerra de Marrocos. Então, como é sabido, a reação clerico-militarista que dominava a Espanha, neles envolveu Ferrer, com o fim de matá-lo, ainda que inocente dos atos de que o acusavam, como sobejamente ficou provado perante o Tribunal Militar, tribunal de ocasião, que o condenou. A propósito da acusação, o livre-pensador Medeiros e Albuquerque, assim comentando-a na sua crônica de 7-11-1909, no diário "Gazeta de Notícias", do Rio de Janeiro, entre muitas outras coisas dizia:

"Mas agora há melhor. Conhece-se, nas suas linhas gerais a acusação.

"O acusador, que é capitão do exército e se chama Jesus-Maria Raefaley, disse que não vizava fatos particulares. Tomava Ferrer como síntese de todos os elementos revolucionários. "Já esse princípio era característico. Havia nele a confissão de que não se achara nenhuma prova de participação de Ferrer em nenhum dos atos da insurreição de Barcelona".

O ódio manifestado contra Ferrer pela reação, próprio dos tempos medievais, foi unicamente devido à obra que tinha iniciado havia quase uma década (a escola inaugurada em 9 de setembro de 1901), a qual, foi se engrandecendo e obtendo, cada vez mais, a cooperação sincera de homens de ciência e de intelectualidades de valor incontestáveis.

Ao mesmo tempo, os trabalhadores conscientes do mundo davam o seu apoio àquela realização cultural, como muito bem demonstrava o constante consumo dos livros editados pela Escola Moderna, (ela editou até 1909, 46 obras, sendo 13 de texto diversos e as demais sobre ciências naturais, pedagogia, sociologia, astronomia, história e literatura), mórmente os de língua espanhola e portuguesa. Como se tornara uma obra bem conhecida, o protesto veemente feito pelos homens livres e progressistas contra o fuzilamento do seu fundador foi geral na Europa e nos países da América. E até na Ásia, como na Pérsia distante, onde, na cidade de Reht, realizaram um comício contra a execução de Ferrer, terminando a reunião com o canto da Marselhesa.

E com o fim de recordar a realização dessa obra forma mais completa e duradoura, que pensamos sugerir ao movimento anarquista espanhol no exílio, por ser o mais indicado para isso, a seguinte idéia:

Reunir em volume a biografia de Ferrer; a obra da Escola Moderna, sua orientação pedagógica e sua projeção; apreciação sobre o valor científico e cultural dos livros editados pela mesma, com a devida nomenclatura dos seus autores e tradutores, referências sobre os homens de ciência e os escritores que lhe deram a sua cooperação; fotografias das cenas mais importantes daquela obra e suas figuras; e também o histórico da "Liga Internacional para o Ensino Racionalista da Infância", que, como é sabido, foi fundada devido à iniciativa de Ferrer.

Nós desconhecemos as possibilidades financeiras do movimento espanhol no exílio e a maneira pela qual poderia

efetivar essa idéia, caso a julguem acertada e viável, já que no tocante a intelectuais os possuem em abundância. Supomos que, para levar a cabo esse trabalho terão de se ligarem algumas pessoas, as quais, tomariam a responsabilidade da tarefa, contando, de antemão, com a certeza de poder fazer a edição do livro. Uma vez de acôrdo essas pessoas e ausente o seu plano, poderiam expô-lo ao movimento anarquista mundial, e, então, caso fosse necessário, promoveriam a contribuição adiantada de assinaturas, isso com o fim de facilitar ainda mais o empreendimento.

Mas, mesmo que não pudessem apresentar (coisa impossível a esta altura) a obra até a data em questão, cremos que nem por isso perderia a sua oportunidade e importância, saindo posteriormente. Também, ao mesmo tempo, proporíamos que no mês desse 50.º, a imprensa anarquista, anarco-sindicalista e a livre-pensadora do mundo que visse a luz em 1959, dedicasse então, uma ou duas páginas à obra de Ferrer e seus cooperadores, assim como realizando conferências e atos comemorativos. Os que carecessem de dados históricos, poderiam, com o fim de obtelos, dirigirem-se às comissões de relações internacionais anarquistas de Londres e à continental da América, em Montevideu, às redações dos jornais do movimento espanhol no exílio, na França e no México.

Julgamos, pois, que essa seria a melhor maneira de comemorar o cinquentário do fuzilamento de Ferrer, pon-do de relêvo e ao alcance da geração presente o significado e a história de seu empreendimento sobre o ensino da infância e divulgação cultural baseada no racionalismo libertário, posto em prática ao começar o século XX.

José ROMERO

SEMEANDO IDEIAS

"A propriedade é a raiz de todo o mal e de todo o sofrimento, e há um risco de conflito entre os que possuem bens supérfluos e os que nada possuem." Pois que, para manter-se, deve a propriedade tornar-se necessariamente defensiva e mesmo agressiva. A violência é indispensável para adquirir a propriedade, para aumentar os bens existentes e ainda para defendê-los. Por isso a propriedade cria o Estado para sua proteção e por sua vez, o Estado para garantir sua existência, cria as formas organizadas do poder secular, o exército, a justiça, "todo esse sistema de sujeição que só serve para proteger a propriedade", e aquele que se subordina ao Estado e que o reconhece, expõe sua alma a esse princípio da força. Segundo a concepção de Tolstoi, mesmo os homens aparentemente independentes, os intelectuais, sem se aperceber, servem, no Estado moderno, apenas para manter um pequeno número de privilegiados na posse de seus bens: "até na igreja de Cristo (que "em sua verdadeira significação se levantara contra o Estado") chega a haver quem, "por meio de doutrinas mentirosas", se afaste do seu mais estrito dever, bendizendo as armas, fornecendo argumentos à ordem estabelecida — que não é senão injustiça.

STEFAN ZWEIG — fazendo a biografia de Tolstoi.

NOTA ADMINISTRATIVA DE "AÇÃO DIRETA"

Registramos as seguintes contribuições recebidas, discriminando as suas origens.

No próximo número será publicada a relação das importâncias recebidas após a preparação da registrada a seguir.

Qualquer engano ou omissão será registrada, desde que nos seja comunicada. É o que fazemos com referência à contribuição de A. Gou., aparecida na relação do número de janeiro, que foi de 70 e não de 10 cruzeiros, como consta, por erro de revisão.

DE DIVERSAS FONTES

Assinaturas indeterminadas (2) Cr\$ 100,00; Venda de Livros, Ofer. de Past. 150,00; Vendas de Jornais nas bancas, redação e pessoalmente Cr\$ 358,20.

DE CONTRIBUIÇÕES

(2) Anônimos, Cr\$ 1.000,00; Grupo: José Oiticica, 3.000,00 (Dez. a Mar.); A. A. V., 500,00 (Dez. a Abr.); J. Gar., 150,00; Cipr. L. 200,00 (Dez. a Mar.); R. S., 500,00; (Set. 1958 a Jun. de 1959); Edgart, 400,00 (Dez. a Mar.); Venes, 400,00 (Dez. a Mar.); Amilc., 50,00; Cel. Ro., 50,00; J. Cas., 100,00; Esth., 400,00 (Dez. a Mar.); V., 400,00 (Dez.

a Mar.); Ipé, 200,00 (Dez. a Mar.); Lizenko, 300,00 (Dez. a Mar.); Gonçalves, 800,00 (Jan. a Abr.); Mach. 45,00; Lo. Sid., 460,00 (Jan. Fev.); C. Vals., 300,00; A. Pes., 200,00 (Jan. Fev.); Od. Ful., 60,00 (Jan. Fev.); Af. Du., 20,00; P. F. da S., 1.000,00 (Dez. a Março); Ri. Fer., 300,00; R. Vit. 500,00; Lopes, 50,00; Corrêia, 50,00; J. Ron, 60,00; J. A. Co., 250,00; N. Tran., 20,00; Ribas, 100,00; A. Du., 550,00 (Dez. a Mar.); E. Jan., 100,00; J. Port., 400,00; Joa. Fer., 20,00; J. Pra., 20,00; Helio, 20,00; A. Marc., 30,00; Or. Ro., 20,00; P. B. G., 20,00; Edi. Mar., 20,00; Augusta, 20,00; J. Gut., 55,00; Calvo, 50,00; Jê. Fer., 25,00; J. Nav., 200,00; Botin, 100,00.

OS INTELLECTUAIS E O POVO

Por FREDERICA MONTSENY

O recente drama Pasternak pôs em evidência, mais uma vez, de que forma a causa da liberdade individual, o problema da dignidade humana, estão intimamente ligados à causa geral da liberdade em todo mundo, ao problema da ascensão coletiva dos povos a um estado de consciência que impossibilitem toda e qualquer ditadura, todo totalitarismo, toda e qualquer perda de direito.

Os intelectuais sempre tiveram uma inclinação perigosa no sentido de se colocarem em plano superior às "massas"; inclinação que os leva muitas vezes a divorciarem-se do povo que passam a olhar com certo menosprezo. Começando por Nietzsche e Ibsen e acabando pelo mais modesto dos escritores modernos, o intelectual tende a colocar o drama do espírito, a tragédia metafísica de liberdade moral por cima e à parte das aspirações populares, dos esforços, anhelos e lutas dos trabalhadores.

O drama Pasternak evidencia que não há liberdade para o intelectual, nem possibilidade de expressão do pensamento; que nenhuma independência está garantida fora da liberdade e independência para todos.

No passado, ainda era possível a atitude de um homem enfrentando uma época, lutar contra o regime autoritário de um país, fazer-lhe frente e às vezes obrigá-lo a capitular. Voltare frente à monarquia francesa; Madame de Staël frente a Napoleão I e Victor Hugo frente a Napoleão III, mostram essa possibilidade de luta e evidenciam uma probabilidade, que o Estado moderno reduziu a zero, de que um pensamento poderoso e uma forte personalidade podem ter mais força do que um rei ou um imperador.

Os Estados totalitários atuam com uma ferocidade mais sutil que os déspotas do passado. Os Estados totalitários modernos dobram, trituram a personalidade independente. Fazem-na morrer assassinada como a Walter Rathenau, Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht; reduzem-na a farrapo humano, como fez o nazismo com Arich Mushan antes de matá-lo; assassinam-nos moralmente, como fez agora o totalitarismo russo com Pasternak, obrigando a submeter-se, a humilhar-se, ninguém saberá nunca por meio de que abominável chantagem, ao homem, ao marido e ao pai.

Não, não há uma causa da liberdade do espírito independente, por cima ou à parte da liberdade política e social. Não há uma ação dos intelectuais por cima ou à parte da ação geral dos trabalhadores lutando pela sua libertação e pela redenção da humanidade.

Já é chegada a hora dos intelectuais terem disso uma consciência clara e de que juntem decididamente a sua ação à ação popular.

Não pode haver separação entre os trabalhadores do músculo e os do espírito. Todos os homens conscientes de seus direitos e de seus deveres, compreendendo que é uma necessidade arrancar as grandes multidões humanas da miséria e da servidão material e moral, precisam unir os seus esforços e trabalhar em conjunto pela mesma causa. Pela liberdade integral do homem; por sua capacitação e elevação coletiva; para que nunca mais os maus pastores anulem seus esforços e se aproveitem de seus sacrifícios para instaurar regimes de casta, que se apoderam dos indivíduos e os submetem à mais monstruosa razão de Estado.

A lição do atual drama de Pasternak, como a de todos os intelectuais sacrificados pelas ditaduras na Itália, Alemanha e Espanha, bem como nos países americanos — não esqueçamos a Jesus Galindez, vítima de Trujillo e de seus cúmplices norte-americanos — deve servir de advertência aos intelectuais para que, de uma vez para sempre, se decidam a unir sua ação à ação dos trabalhadores e dos povos em luta contra todas as formas de tirania, pela liberdade integral do homem.

Boas iniciativas libertárias

O movimento anarquista será tanto mais intenso e extenso quanto maior for a atividade de cada militante, nos meios de seu convívio, pondo em prática as iniciativas que julgarem úteis para o desenvolvimento de nossa propaganda.

Por isso, não podemos deixar de registrar com agrado duas iniciativas levadas à prática por dois companheiros, um deles, velho militante e outro jovem estudante que vem de esposar os ideais libertários.

Venâncio Pastorini, antigo combatente do livre-pensamento e libertário já tendo ultrapassado os 80 anos e de saúde precária, continua tomando iniciativas individuais em favor de nosso movimento.

No ano passado, publicou, à sua custa, o folheto de combate ao fanatismo religioso e estatal — "a luta entre Deus e Satanás", e agora acaba de publicar outro — "A Caminho da Paz Social", do qual destinou um bom número de exemplares para serem vendidos em favor de "Ação Direta".

Apesar de sua idade avançada e sua pouca saúde, esse companheiro partiu de Bagé, no R. G. do Sul, onde reside, para uma excursão por diversas cidades, para distribuir os dois folhetos já citados e mais outros dois: "O Vaticano, pai do fascismo" e "Radiograma das Alturas — Urgente", além de jornais libertários. Nessa missão, percorreu várias cidades, provocando sua atividade curiosas situações.

Outra boa iniciativa a registrar é a do jovem estudante de Ponta Grossa, Paraná, que imprimiu por sua conta, em prospecto a expressiva poesia de Guerra Junqueiro — "Parasitas", e o está expedindo pelo correio.

Nesse prospecto o combativo jovem Lorie Sideuco faz propaganda do livro "A Velhice do Padre Eterno", livro de onde tirou a citada poesia, indicando a Editora Germinal, do Rio de Janeiro (Caixa Postal 142, Agência da Lapa).

Um apêto de mãos aos companheiros, registrando suas iniciativas com o exemplo do que se pode fazer sem organizações centralistas e atrofiadoras.

Todos os grandes tiranos e magarifes de povos sempre têm invocado a Deus e a religião para firmarem os seus despotismos, porque, como dizia Leão X, "a religião é um excelente meio para manter os povos na obediência".

Atividade do grupo Ação Libertária

Na véspera de 1.º de Maio, dia de protesto, realizou o Grupo Ação Libertária farta distribuição pelas ruas centrais do Distrito Federal do número de "Ação Direta" dedicado àquela data reivindicadora.

As árvores em toda extensão da Avenida Rio Branco ostentaram exemplares de nosso periódico, presos em seus troncos.

A Feira de Livros, situada na Cinelândia carioca, lugar de grande afluência popular, também recebeu a visita de "Ação Direta".

Pensam os componentes do Grupo Ação Libertária que o movimento anarquista deve recuperar essa data histórica como dia de protesto e estão de ano para ano intensificando a propaganda de rua.

O poder de mandar e a fraqueza de obedecer são a essência do governo e a quintessência da escravidão. — Charles Sprading.

PARA SER ANARQUISTA

O repúdio à opressão, o desejo de ser livre e de poder difundir a própria personalidade em todo seu poder, não bastam para ser anarquista; aquela aspiração à liberdade ilimitada, se não é acompanhada de amor aos homens e do desejo de que todos os demais tenham igual liberdade, pode fazer rebeldes, porém não é suficiente para fazer anarquistas. O anarquista, para ser tal, deverá ter elegido entre o ódio e o amor, entre a luta fratricida e a cooperação fraterna, entre o egoísmo e o altruísmo e ter elegido, naturalmente o altruísmo, a cooperação fraterna e o amor.

O indivíduo humano não é um ser independente da sociedade, mas sim um produto dela. Sem sociedade não haveria podido sair da esfera de animalidade bruta e converter-se verdadeiramente em um ser humano, e fora da sociedade não poderia viver, a não ser que volvesse, mais ou menos rapidamente, à animalidade primitiva... O homem pode ser na sociedade, livre ou escravo, feliz ou infeliz, porém deve permanecer na sociedade, porque esta é a condição de seu ser humano. Portanto, em lugar de aspirar a uma autonomia impossível, deve procurar as condições de sua liberdade e de sua felicidade de acordo com os outros homens, modificando, de conformidade com os demais, aquelas instituições sociais que não convenham.

ERRICO MALATESTA

ONDE MENOS SE ESPERA... A VERDADE APARECE

Pegamos distraidamente numa revista portuguesa que não tem nada de política: o "Sport Ilustrado", de Lisboa, de 14 de janeiro deste ano. E estava lá esta confissão do fracasso totalitário, que é uma verdade e já nem os da "situação" podem esconder. O professor Diogo Furtado, presidente da Assembléa Geral do Sporting Club de Portugal, no discurso de posse dos novos dirigentes da agremiação, depois de lamentar o declínio de várias de suas atividades, proclamou esta verdade que é um dos mais recentes e contundentes libelos contra o regime de Salazar, sobretudo no que se refere à juventude:

"Alguém, com a máxima autoridade para o fazer, afirmou há dias bem claramente que existe uma grave crise na mocidade de Portugal. Esta crise, agora reconhecida oficialmente, sentiam-na já todos aqueles que como mestres, como pais ou como educadores, lidavam quotidianamente com jovens. Trata-se de uma crise profunda e extensa, vasto movimento de angústia coletiva, que dia a dia se estende."

Fracassaram mais de trinta anos de organização fascista da "Mocidade Portuguesa", dos escolares uniformizados por fora e por dentro. Como fracassa tudo que mata a iniciativa, a inteligência e a liberdade. Só com liberdade e inteligência se desenvolve e alcançam "perspectivas e objetivos na existência". Os educadores de Portugal não o sabiam? Não conheciam esta verdade? Preferimos achar que não tinham coragem para dizê-lo. Mas ainda é tempo.

P. Ferreira da Silva

Melhoramentos em "Ação Direta"

Levando avante o programa proposto por seu grupo editor com objetivo de atingir um maior público, "Ação Direta" aumentou sua tiragem, melhorou o papel em que é impressa e está enviando esforços para melhorar sua colaboração artística e literária.

O aumento de tiragem e a melhoria na qualidade do papel acarretaram um aumento sensível no preço da confecção.

Portanto, apelamos a todo assinante para que renove sua assinatura sem mais tardar; aos militantes para que enviem suas contribuições com maior regularidade; aos pacoteiros para que aumentem o pedido de exemplares; aos companheiros que efetuam a distribuição nas bancas para que se aumente o número delas; aos que recebem gratuitamente nosso periódico para que colaborem financeiramente e a todos para que nos indiquem novos endereços de pessoas interessadas em nossas idéias e consigam novos assinantes.

Somente assim poderemos tratar de passar para uma fase importante, qual seja a de tirar "Ação Direta" quinzenal.

O Princípio de Autoridade nas Relações Humanas

Ao iniciar este artigo modesto e despretencioso sobre um tema assaz complicado como é o das relações humanas, vem-me à lembrança a figura de um velho camarada que constituía sempre um motivo de animação e palestra, quer nas redações dos nossos jornais, nas rodas dos cafés, nos passeios ou nas festividades da família anarquista: — José Fernandes Varela. Operário gráfico de vastíssima cultura eclética e profunda, a sua personalidade anárquica se impunha pela simplicidade da gravata boêmia que usava metódicamente e pela lógica de seus argumentos irrefutáveis, quaisquer que fossem os assuntos em debate.

Em tudo era profundo: nas artes, nas ciências, na literatura, na filosofia em economia política. A sua memória prodigiosa armazenava conhecimentos tão vastos e variados que faziam dele um biblioteca ambulante. Qualquer coisa lhe servia de motivo: uma flôr, uma pedra no caminho, uma folha morta caindo da árvore outonal, um sorriso de criança. Horas a fio mantinha suspensos os que o ouviam com deleite discorrer sobre os aspectos mais curiosos da mitologia grega ou sobre a última revolução em qualquer parte do mundo. Desde Platão a Ingenieros, de Rousseau, Voltaire e Guyau aos mais recentes editoriais da imprensa anarquista mundial, mantinha-se em dia com o pensamento. Em filosofia era individualista. Guyau, Stirner e Bakounine eram seus autores de cabeceira. Admirava Max Netlau pelo seu espírito crítico e coordenador. Em Vargas Vila admirava o floreio retórico e o fato de haver abolido o ponto final na composição de seus livros. Ele achava que o ponto final é demasiado autoritário!

Pois bem, essa inteligência invulgar, essa capacidade exuberante de idéias e pensamento maleável, esse conversador extraordinário das tertúlias anarquistas foi vencido pela estupidez açanha e bisonha dos governantes da época, que, não sabendo distinguir entre politiquês e descontentes das quarteladas por ambição ao poder e os partidários de uma revolução profunda que visa a instituição de um novo mundo aligerado na liberdade e bem estar para todos, o deportaram para o inferno inhóspito e pestilento da Clevelândia. Com ele foram também vários outros camaradas, entre eles, Nicolau Parada e Pedro Mota. Lá morreram todos. De fome, peste, devorados pelas feras ou simplesmente fuzilados pelas costas? Ninguém sabe.

Nosso objetivo não é, porém, fazer biografia. E se à figura de Fernandes Varela foi aqui lembrada é porque com ele, na convivência de alguns anos com a sua lógica e argumentação, aprendemos a considerar as relações humanas sob um prisma diferente. Sim, porque Varela considerava o princípio de autoridade tão maléfico, que dispensava o uso do relógio por tornar obrigatórias as obrigações e atividades dos indivíduos...

Na época presente, como consequência das experiências psicológicas do passado, as relações humanas já têm um sentido menos autoritário. No trato com os empregados, as grandes companhias, que antigamente achavam na violência e arrogância de seus capatazes e feitores o modo mais eficiente do êxito nas relações de trabalho, mantêm hoje serviços especializados de "Public Relations", entregues a pessoas treinadas que têm a obrigação de evitar conflitos e desfazer mal-entendidos, afirm de não ser afetada a estrutura econômica das empresas. Cada vez se vai compreendendo melhor que a força, os maus tratos, o tom autoritário dos chefes de seção contribuem para agravar as relações com os trabalhadores e são as formas menos indicadas para conservar elevado o nível de produção.

Das escolas públicas desapareceu também a figura autoritária, ridiculamente afetada do antigo mestre-escola que mantinha à vista dos alunos, como recurso de disciplina, a palmatória e a varinha de marmelo. Hoje, a Escola e a Psicologia empenham-se em manter um ambiente de compreensão, resultado das contínuas lutas da liberdade contra o princípio de autoridade.

Nessa luta os anarquistas estão sempre presentes. Por essa razão, por compreenderem que é necessário abalar o princípio de autoridade em benefício da liberdade, é que os nossos camaradas tomam parte em todos os movimentos revolucionários que tenham como objetivo derrubar as tiranias, sejam estas políticas, estatais, divinas ou humanas.

Qualquer que seja a cultura dos indivíduos, estes reagem sempre à im-

posição de uma ordem dada com autoritarismo. É mais fácil e sociável vencer que obrigar. Em contacto com grupos de pessoas que me estavam subordinadas pela natureza do serviço, tive a oportunidade de constatar como é fácil, usando de boas maneiras, conseguir que os indivíduos se compreendam e executem as tarefas que lhes são confiadas, apesar dos defeitos e desequilíbrios de uma organização social em que tudo concorre para que o indivíduo seja neurótico e rebelde, propenso, portanto, aos distúrbios psicológicos que caracterizam o ambiente em que é obrigado a viver e trabalhar.

Travamos contacto histórico em todas as grandes convulsões sociais que abalaram o Mundo com os anarquistas. Mas sempre no sentido de ampliar o princípio de Liberdade e diminuir o princípio de Autoridade. Sempre coerentes, numa afirmação ideológica que se caracteriza pelo sacrifício das próprias vidas, vêm-los já na antiga Roma, embora ainda em forma instintiva, com o movimento agrário dos Grachos. Na Revolução Francesa, talvez a maior convulsão social da História, encontramos-os instituindo as Comunas e escrevendo a legendária epopéia dos Comuneiros de Paris. Na Rússia, ao perceberem que a revolução de desviava para o princípio de Autoridade com a instituição da Ditadura do Proletariado, surge o movimento Macknovista, na Ucrânia, que assombrou o Mundo pela audácia de seus feitos impedindo o esmagamento da revolução pelos forças reacionárias do general Denikine, que contava com a cooperação dos mercenários austro-alemães de Wrangel, forças essas calculadas em 750.000 homens. Mackno dispunha apenas de pouco mais de 300 camponeses armados grotescamente e derrotou os adversários de revolução! Foi vencido apenas pela traição dos bolchevistas, que, atraindo-os a uma cilada muito própria de seus métodos e táticas, aniquilaram o movimento Macknovista, única demonstração sadia e coerente da revolução.

Recentemente, na Revolução Espanhola, encontramos-os de novo gravando a epopéia grandiosa de uma luta em que, pela primeira vez, foi possível demonstrar, na prática, a realização do Comunismo Anárquico. Os feitos de C. N. T. e de F. A. I. no movimento revolucionário espanhol encontrarão no futuro os seus historiadores imparciais e compreender-se-á, então, o valor da extraordinária façanha revolucionária que apaixonou, inclusive, todas as Côrtes e Estados da Europa que se apavoraram diante de tamanha demonstração de idealismo e sacrifício em prol da Liberdade!

Concluindo, pois não é possível, em um artigo escrito com a preocupação do a epopéia grandiosa de uma luta páginas arrancadas ao sacrifício das modestas contribuições idealistas dos nossos camaradas, resumir um assunto tão vasto e complicado, lembro ainda uma frase que vivia nos lábios de Fernandes Varela: — "Nas relações humanas, o princípio de autoridade é um choque permanente a sacudir as paixões..."

SOUZA PASSOS

Após o scisma de Lutero, secundado por Calvino, a Igreja ainda conservou forças para aniquilar 100 mil protestantes, queimar Bruno, apunhalar Sarpi, torrar Vanini, afugentar Descartes, prender Campanella, intimidar Kepler, assustar Copernico e humilhar Galileu!

AÇÃO DIRETA

Diretor:
EDGARD LEUENROTH
Administrador:
IDEAL PERES

A publicação de "Ação Direta" está confiada à comissão de quatro companheiros nomeados em reunião plenária, sendo de sua incumbência os trabalhos de redação, administração e divulgação.

Toda correspondência (com valores, originais, indicações, etc.) deve ser endereçada a IDEAL PERES, para a Caixa Postal 1 (agência da Lapa), Rio de Janeiro.

Em São Paulo há uma comissão encarregada do trabalho de arrecadação de recursos, colaboração e da divulgação do jornal.

AÇÃO DIRETA

ANO 14 — N.º 135 — JUNHO DE 1959

DA LIBERDADE PARA A MORTE...

Tendo escapado, por um golpe de audácia, à sanha criminosa dos assassinos de Franco, o estudante José Comin Pardillos foi devolvido ao pelotão de fuzilamento pelas autoridades brasileiras

Quando, na Europa, Mussolini e Hitler, dois loucos embriagados de poder dominavam pelo terror fazendo uso de uma demagogia apropriada para plasmar multidões embrutecidas ao som de marchas guerreiras a passo de ganso, na Espanha havia uma efervescência revolucionária capaz de se projetar nos destinos da humanidade no sentido da liberdade.

Ansiosos de seguir o exemplo dos ditadores fascistas, os reacionários espanhóis preparavam-se para dar o golpe de misericórdia nas instituições republicano-democráticas que se haviam implantado e que, por falta de coesão e sinceridade de muitos de seus líderes que ocuparam postos governamentais, não conseguiram firmar-se no mar revolto das paixões políticas.

Contando com um movimento organizado através da Confederação Nacional do Trabalho (C.N.T.) e da Federação Anarquista Ibérica (F.A.I.), os anarquistas constituíam, então, a principal força capaz de impedir a implantação do fascismo. E quando os reacionários pretenderam dar o golpe, os anarquistas espanhóis, numa demonstração de vitalidade sem similares na História, lançaram-se na revolução libertária.

Durante três anos, sustentando uma guerra cheia de episódios heróicos de bravura e desprendimento, improvisando armamentos que lhes eram negados, com os portos bloqueados impedidos de receber mantimentos para alimentar as populações não combatentes, forçados a bastar-se a si mesmos, os anarquistas deram uma demonstração de capacidade que assombrou o mundo.

E foi diante dessa demonstração de capacidade e heroísmo em luta pela liberdade que as potências fascistas de Hitler e Mussolini, apavorados com as

consequências finais da revolução libertária espanhola, rasgando tratados internacionais e contando com a cumplicidade das democracias através da Liga das Nações, enviaram para a Espanha legiões de homens bem armados, aviões, tanques e armas modernas que iam ser experimentadas contra o povo espanhol.

Foi dessa forma que o generalíssimo Franco conseguiu vencer, após três anos de luta desigual, apoiado pela Itália e Alemanha fascistas, o Movimento Revolucionário em marcha para o socialismo libertário.

Usando os mesmos métodos de repressão de Mussolini e Hitler, Franco ensopeu de sangue o solo da Espanha. Os adversários que não conseguiram escapar foram passados pelas armas. Montada a máquina de repressão e espionagem, sedento de sangue e vingança, é esse o regime que ainda perdura até hoje.

O estudante José Comin Pardillos, como muitos outros que ficaram na Espanha agindo na clandestinidade em luta pela liberdade, para escapar à morte, fugiu, valendo-se de todos os meios, inclusive o de viajar como clandestino para o Brasil, onde esperava encontrar um ambiente livre e democrata para recomeçar vida nova. Esqueceu-se o bravo camarada que os Estados se entendem perfeitamente na prática das desumanidades. Aqui desembarcado, quando esperava ser tratado como refugiado político, a polícia marítima o entrega a bordo do famigerado Cabo de San Roque, rumo a Espanha, devolvendo-o aos pelotões de fuzilamento.

Em contraste com a resolução infeliz da polícia marítima, a opinião do povo brasileiro tem-se manifestado amplamente no sentido de arrancar à morte o idealista espanhol. Associações estudantis, Centros de Cultura Social,

deputados e jornalistas, num empolgante movimento de solidariedade humana, movimentaram-se no sentido de obter a liberdade de José Comin Pardillos. O Centro de Estudos Sociais José Otílica, do Rio de Janeiro, impetrou um "habeas corpus" fundamentado no facto de se tratar de refugiado político para impedir a consumação desse ato desumano e arbitrário das autoridades marítimas. Diversos telegramas de protesto, e outros de solicitação, foram enviados ao Presidente da República, à ONU, por intermédio do Presidente Eisenhower, e às Casas do Congresso. E uma parte da imprensa de São Paulo e Rio tem se manifestado favorável à fixação de José Comin Padillos em terras brasileiras, onde poderia organizar a sua vida de cidadão livre, uma vez que todos os seus documentos estão em perfeita ordem e apenas se alega, para devolvê-lo a Franco, o facto de não haver pago a passagem, vito tratar-se de um clandestino.

E veja-se o absurdo dessa contradição própria da sociedade capitalista: José Comin Pardillos não pagou a passagem; e não a pagou por não ter dinheiro. Mas em vez de se aceitar esse acontecimento como facto consumado, ou procurar, a Companhia de Navegação lesada na passagem, cobrar esse débito permitindo que o clandestino procurasse os meios de fazê-lo, preferem forçá-lo a uma nova viagem cuja passagem também não pagará!

Mas, sobretudo, trata-se de uma vida humana que deve ser salva, de um adversário político de ditadura fascista de Franco, que não cometeu outro crime senão de querer para o seu povo melhores dias em um regime de liberdade.

E isso não é motivo para se mandar o estudante José Comin Pardillos da liberdade para a morte...

AS COMEMORAÇÕES DO 1.º DE MAIO NO BRASIL

O sociólogo que pretendesse fazer um acurado exame da situação no Brasil, quanto à cultura do proletariado, de suas tendências ideológicas e sua disposição de luta, encontraria nas comemorações desta data ótimo campo para estudos.

Poderia ver quão profundos foram os golpes dados na mentalidade popular pelas duas tendências ditatoriais ainda predominantes no Brasil: getulismo e stalinismo, os dois maiores focos de demagogia, da mistificação que rotula a maioria dos atos populares.

Os trabalhadores dóceis, miseráveis, submissos, com os ouvidos cheios de promessas e de mentiras, guiados pelos agentes dos governantes e dos senhores da indústria, caminhando, cegamente e sem objetivo, na ignorância e no abandono das conquistas de seus pais, é o quadro que nos oferecem as comemorações do peleguismo oficial no 1.º de Maio.

Grandes paradas, bandeiras, uniformes, charangas e discursões ócas, e lá se foi mais "um dia de festa", dado aos trabalhadores pela infinita bondade do "pai dos pobres"...

O que contrasta em tudo isto é o desalento, o abandono dos trabalhadores e sua ignorância, junta à paradoxal capacidade de se deixarem enganar a vida inteira.

Os "grandes líderes operários" nem sequer se tornam alvo de nossa revolta. Eles cumprem sua missão de cozeiros da emancipação dos trabalhadores, ganhando seu pão nesse triste mister. Servem o capitalismo em suas mistificações e servem a Moscou na política do "quanto pior melhor". Apenas, uns e outros, nos causam repugnância, já pela velhacaria que aceitam em si, já pela supina ignorância em que se debatem.

Os pelegos, para debocharem sobre a memória dos mártires de Chicago, receberam trinta dinheiros, dos fariseus contemporâneos a gorgeta dos que foram repartidos no mais suntuoso palácio operário de São Paulo... Os des-

contentamentos que o reparto ocasionou não são do conhecimento público. É que malandro não estrilha.

Uma minoria de operários conscientes, alguns intelectuais e estudantes, comemoraram em São Paulo, de forma condigna, a efeméride que nos ocupa.

No vasto salão do Centro Democrático Espanhol, sob o patrocínio do Centro de Cultura Social, foi realizada importante reunião comemorativa.

"A Internacional", hino de escaldantes verdades, foi ouvido inicialmente pela assistência, eletrizando os moços com suas estrofas viris, e despertando nos velhos as lembranças de um passado de lutas gloriosas e cheias de conquistas.

Os oradores, de várias tendências ideológicas — mas todos unânimes na verdade do facto histórico — causticaram duramente os crimes do capitalismo e suas tendências guerreiras e escravagistas.

A situação criada pela ditadura Vargas ao nosso sindicalismo, mantido ainda sob a tutela asfixiante e deletéria dos governantes atuais, foi analisada por diversos oradores. Tal como se encontra, constitui a mais infamável demonstração do fascismo aplicado às organizações dos trabalhadores, tornando-se necessária e urgente a mais acirrada das lutas para libertar-lo dessa indesejável tutela.

A idéia da pluralidade sindical foi lançada na reunião, uma vez que os mais interessados em manter essa tutela são os atuais "líderes" do sindicalismo oficial, ciosos de manterem as sinecuras que ele lhes proporciona.

As causas da crescente carestia, assim como descaso oficial pelo assunto, foram ventilados pelos oradores, que puseram à descoberto o interesse governamental na alta dos preços, por representar essa alta maior arrecadação de impostos.

Um dos oradores fez a mais acurada das críticas à atuação dos pelegos nos sindicatos, notadamente dos componentes do Pacto de Unidade, onde vermelhos e brancos se confundem na

NOTÍCIAS DE PORTUGAL

Em nosso número de janeiro passado, nosso colaborador Edgard Rodrigues denunciava um dos mais terríveis capangas de Salazar, o famoso Magro Romão, que ameaçava de enforcar opositoristas em Coimbra. Agora, notícias chegadas de Podtugal, dão conta de que o coronel Magro Romão acaba de ser afastado do comando do quartel de metralhadoras n.º 2 e, segundo fonte fidedigna, recebeu ordens para se apresentar em Lisboa à paisana. O cofre do regimento que comandava foi lacrado e consta que o desfalque monta a 700 contos.

Esta notícia bem confirma que o célebre Magro Romão, ex-diretor da PIDE no Pôrto, onde se destacou como criminoso profissional e autor de um vultoso desfalque em terras africanas, agora acaba de dar provas de grande colaborador de Salazar, praticando mais este desvio.

Assim vai entrando a ditadura salazarista em lenta agonia, sacudida apenas pelas notícias das ladroagens governamentais. Que o desenlace fatal se aproxime mais rápido, é o que desejamos.

prática da chantagem das ameaças ante os poderes públicos, vendendo seus "exércitos" de trabalhadores por alguns bons empregos ou alguns magros cruzeiros arrancados aos diversos fundos sindicais.

O ato foi encerrado sob os acordos da Internacional, deixando em todos a impressão de que o longo período das mistificações e do domínio da pelegada getulista e estalinista está chegando a seu termo.

A iniciativa dessa comemoração foi tomada pelo movimento anarquista de São Paulo, que convocou para ela elementos de outros setores, constituindo-se o Comitê por um 1.º de Maio Proletário, reunindo a Aliança Libertária, o núcleo da C.N.T. no Exílio, a Agrupación Socialista Pablo Igueria, Ação Sindical dos Gráficos, Liga Socialista Independente, Círculo Estudantil Carlos Marx, Centro Democrático Espanhol, Partido Operário Revolucionário Trotskista, sendo a convocação feita sob os auspícios do Centro de Cultura Social.

O Despertar dos Povos de Cór

Os recentes acontecimentos de Nyassaland colocam novamente sobre a mesa o problema da liberdade política e das reivindicações econômicas dos povos de cór.

Ainda que por trás dessas reivindicações exista a orquestração dos diversos interesses que disputam a exploração do solo africano, um fato é incôgnito: a era do colonialismo, da exploração dos negros como manada de escravos, terminou. Uma consciência humana vai despertando nessas comunidades e o sentimento da própria força as impulsiona a agrupar-se para a defesa e a conquista de novos direitos.

Os Mau-Mau primeiro; os grupos de negros que se lançaram às montanhas na Nyassaland agora, levam em seu seio um fermento social que cada dia se desenvolve e adquire maiores características de protesto. Hoje a revolta é contra a exploração dos brancos; em realidade, a revolta é contra todo gênero de exploração. Esta tomada de consciência é lenta; são homens guiados todavia por temores e ritos ancestrais; há entre eles a influência de chefes religiosos e políticos que de fato dirigem todos os movimentos dessas massas humanas. Porém o negro sente a necessidade da igualdade com o branco; percebe também o sentimento de sua dignidade de homem. Pouco a pouco tudo isso vai formando corpo moral. E desses movimentos raciais e nacionalistas, vai emergindo uma confusa aspiração social cujos limites ninguém pode prever.

Ademais, para os países colonialistas, o período das vacas gordas terminou. Esse dócil material humano, utilizado como veículo de transporte e de exploração, nunca mais será o instrumento cego que foi até agora. Aatê eles chegaram aspirações e realidades alcançadas pelos povos europeus. Quando os povos começam a agitar-se, é difícil saber onde essa agitação terminará.

A Nyassaland, a Oganda, o Congo, a Rodésia, toda a África negra vai agitando-se. Os países de longa prática colonialista como a Inglaterra, preferem garantir os interesses econômicos e dar a suas colônias uma aparência de liberdade. O mesmo terão que fazer os outros países que durante muitos anos exploraram essas terras sem freio nem controle.

E os homens de cór, uma vez libertos da exploração da raça branca deverão enfrentar-se com o problema geral e concreto da exploração que não tem cór, que é sempre iniquidade, abuso, injustiça. Que é repudiável quer a exerce o branco enriquecendo com o suor dos negros, quer a exerce o negro elevado em prerrogativas enganosas. O fim do colonialismo significará a era das lutas sociais em continentes até agora fechados às influências do socialismo.

F. M.

BRASÍLIA E A SÊCA DO NORDESTE OSTENTAÇÃO DE FALSA GRANDEZA NA MISÉRIA DO POVO

Tem sido alvo dos comentaristas da imprensa a construção de Brasília e a sêca do Nordeste do Brasil. Uns defendem a construção da nova capital, lá nos confins do planalto goiano, outros combatem a obra faraônica do sr. Juscelino.

A luta que se trava na imprensa sobre a complexa questão é demagógica em todos os sentidos, pois todos pretendem tirar as vantagens políticas, quer os que atacam, quer os que ardorosamente defendem.

O que nos deixa estarecidos é que as verdadeiras vítimas estão indiferentes, indiferentes boquiabertos e surdos. Reina no seu seio um silêncio tumular, um inexplicável desprezo pelo seus próprios interesses. Mantêm-se amorosos e hipnotizados pelo cantochão dos líderes que prometem soluções dos problemas econômicos com a construção de Brasília.

Vários periódicos anunciaram o cancelamento dos empréstimos dos Institutos a favor dos contribuintes, afirmando mesmo, em letras garrafais, que o governo deve aos Institutos bilhões de cruzeiros e continua canalizando a contribuição dos trabalhadores para a edificação da nova capital.

Neste ponto se encontra a parte negativa da construção de Brasília. O emprego do dinheiro do trabalhador para construir palácios e avenidas destinados a meia dúzia de felizardos, constitui um desafio à miséria e um escárnio ao povo. É claro que não existe o menor respeito por essa vítima que se chama povo; tão explorado nas campanhas eleitorais e desprezado em seguida. Aos que governam pouco lhes importa saber que os trabalhadores aterram pântanos, desviam rios e canais, constroem pontes, desbravam matas, pavimentam quilômetros e quilômetros de estradas num esforço sobre-humano em troca de uns magros cruzeiros. O trabalhador anônimo, que desconhece o valor do seu poder realizador e a profundidade do seu sofrimento, marcará com suor e sangue as obras da nova capital.

Recordemos aqui um exemplo apontado pelo sr. Coelho de Souza ("Diário de Notícias", Rio, 1-2-59) a propósito do nosso ponto de vista: "Na abertura da rodovia Brasília-Belém, a patifaria assume proporções inauditas, que vão do enriquecimento vertiginoso dos empreiteiros à exploração desumana dos trabalhadores mantidos em regime de servidão."

Ora, isto não é novidade; milhares de vezes se tem dito na imprensa libertária. Que importa o grito aos surdos? Os mandatários são fortes de ânimo, nada os comove, e, de resto, desejam o povo escravo, submisso e castrado.

Dizia, em artigo publicado no "Diário de Notícias", em 11-1-1959, o sr. Osvaldo Valpassos, referindo-se à sêca do Nordeste: "Isto é de arrepiar e custa a crer-se que almas danadas tenham a insensibilidade de arrancar o pão até da boca dos famintos. E não é só. Os serviços públicos de estradas e de acudagem foram deturpados com folhas de pagamentos fantasmagóricas. A miséria fomentando a miséria."

A miséria, a exploração e a rouba-lheira que impressionaram o sr. Valpassos, não têm a menor influência nos mandatários. Eles são insensíveis à dor e ao sofrimento. O caso de morrerem diariamente de fome nordestinos não

impede que se construa Brasília com o dinheiro das próprias vítimas.

Política é política, e foi sabendo disso que um jornal burguês citou este exemplo: "Existe a sêca — e existem eleições: são dois problemas graves no Brasil. Porém existe situação ainda mais dramática: é quando coincidem, como acaba de acontecer, eleições e sêca dentro de uma mesma quadra."

O que nos deixa perceber o comentarista é a baixa manobra e o furto. Mas tudo isso que importa diante da grande realização da nova capital? Que morram trabalhadores à fome e à sêca, que os alicerces de Brasília sejam feitos de vítimas do Nordeste, que o sangue das vítimas se esvaia nas obras da futura capital, em nada ofuscará os traços arquitetônicos, os ricos e luxuosos palácios, mesmo construídos frente a frente com imundos barracos, onde se escondem os que trabalham e morrem de fome.

E. RODRIGUES

CURSO POPULAR DE HIGIENE MENTAL

Conforme noticiamos no número anterior, realizou-se em S. Paulo, promovido pelo Centro de Cultura Social e sob o patrocínio do Centro de Estudos Franco da Rocha, um curso de higiene mental, tendo como conferencistas médicos psiquiatras de renome nos meios dessa especialidade.

O curso teve início em 11 de Abril pp. e terminou no dia 30 de Maio. Todos os sábados o salão do Centro de Cultura Social ficou inteiramente lotado com assistências que acompanharam com grande interesse as exposições dos médicos, tornadas ainda mais interessantes com as respostas às con-

Onde comprar "Ação Direta"

Encontra-se à venda, no centro nas seguintes bancas do Rio:

Na E.F.C.B. (na rampa de saída).

Em frente a Light.

Na Rua Marechal Floriano, esquina de Conceição.

Av. Rio Branco, esquina de Sete de Setembro.

Galeria Cruzeiro, esquina de Bittencourt da Silva.

Av. Rio Branco, esquina de Bittencourt da Silva.

Lapa (ponto de bondes).

Uruguaiana, esquina de Alfândega.

Largo de São Francisco, esquina de Andradas.

Praça Tiradentes, esquina de Carioca.

Av. G Vargas, esquina de Uruguaiana.

Av. Almirante Barroso, esquina de 13 de Maio.

R. Araújo Pôrto Alegre, esquina de R. do México.